

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

DIRCEU DE MARÍLIA
Joaquim Norberto de Souza e Silva

DIRCEU DE MARÍLIA
Joaquim Norberto de Souza e Silva

DIRCEU DE MARÍLIA
LIRAS
Atribuídas a
Senhora DMJD de S
(Natural de Vila Rica)

*Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
Às vezes mal formadas:
Mas vejo, ó cara, as tuas letras belas,
Uma por uma beijo,
E choro então sobre elas*

Marília de Dirceu

SOBRE AS PRESENTES LIRAS

Não serei eu que afirmarei ou negarei a autenticidade da presente coleção de Liras extraídas de uma cópia que se me afirma ter sido tirada de manuscritos autênticos, cuja ortografia não pude conservar que não mo permitiu a brevidade do tempo que tinha a dispor.

Apócrifas ou originais, completam elas a história dos amores e saudades desses amantes desgraçados que a poesia começou por celebrar e que os homens acabaram por imortalizar; os nomes de Marília e Dirceu se tornaram populares em todo o Brasil, e hoje retumbam pela Europa e América, e um dia se unirão aos de Hero e Leandro, Safo e Faon, Heloísa e Abelardo, Inês e Pedro, Laura e Petrarca, e então serão populares em todo o mundo.

Parece que foram elas escritas em *Vila Rica* e enviadas pela maior parte à cadeia pública do Rio de Janeiro; ao menos assim se depreende de sua leitura e ainda mais dos versos do poeta que vão em testa deste opúsculo como epígrafe; repetem muitas dentre elas os pensamentos de Tomás Antonio Gonzaga; indicam outras ser compostas em resposta às do distinto poeta ou ter motivado a muitas das suas; verdade é, porém, que não se distinguem nelas aquela simplicidade, dote da natureza, que não há imitá-la; contudo não deixará o *Dirceu de Marília* de interessar àqueles que têm sabido apreciar a admirável e nunca imitada *Marília de Dirceu*.

A autora, ou quem quer que seja, não só procurou variedade nos pensamentos, como nos metros, e são todos eles, segundo noto, os que estavam em uso em fins do século passado. Seguiu o exemplo de Gonzaga, adornando os seus versos com a rima, que por certo muito concorre para a harmonia, como o ritmo para a cadência; lástima é, porém, que, como Gonzaga reproduzisse cenas da Arcádia nos pitorescos sítios do Brasil, e assim nos privasse de quadros interessantes nos quais assaz se prezaria a cor local, que por certo, falece na maior parte delas; todavia, se errou com aquele que tomou por mestre, também não deixou de se atraiçoar alguma vez com ele, esquecendo preceitos a que se impusera

Publico-as em duas partes para irem em mais harmonia com as da *Marília de Dirceu*, pois que bem sabido é que a parte terceira é apócrifa; assim tenham elas acolhimento do público, para cobrar ânimo e trazer à luz pública nova edição, não só mais melhorada como acrescentada de outras liras que sei existem.

Niterói, agosto de 1845

J. Norberto de S.S.

**I
AMORES.**

LIRA I*

Eu, Dirceu, não sou pastora
De abastado
Grosso gado,
Nem casal tenho que valha
A pena de ser notado;
Tenho minhas
Ovelhinhas
Na maior estimação;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

Mas não corres sem riqueza,
Sem ventura
À Formosura,
Cobiçoso de ouro e prata
Que é de tantos desventura;
Só almejas,
E desejas
Possuir a minha mão;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

Teu semblante alvo qual neve,
De corado,
E de rosado,
Não inveja a tez do jambo,
Quando pende sazonado;
E um sorriso,
De improviso
Torna-o digno de feição;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

Os teus olhos tão gabados,
Matadores,
Sedutores,
Traem a turba das pastoras,
São inveja dos pastores;
Se se volvem,
Tudo envolvem
Na mais terna sedução;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.
Teus cabelos de ouro fino
Delicados,

Anelados,
Não são como dos Pastores
Destes montes, destes prados:
 Mas luzentes,
 Reluzentes,
Como os raios do Sol são;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

Porém valem mais que tudo
 Teu agrado
 Delicado,
Que te torna entre os pastores
Mais que todos estimado;
 Voz singela,
 Amena e bela,
Toda cheia de atração;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

Tu perguntas se Marília
 Te assegura
 Da ventura
De ser tua para sempre,
Qual ser seu teu peito jura;
 Me enriqueces
 E ofereces
Tua própria habitação;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

E o que mais invejar pode
 Tua amada
 Extremada,
Que por ti vive em suspiros,
Que te preza namorada?
 Sim aceito,
 Não enjeito
Tua oferta e condição;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

Tens de teu um casal próprio;
 Dá-te azeite,
 Dá-te leite,
Que munges das ovelhinhas,
Que são teu maior deleite;

Dá-te vinho,
Lãs e linho,
E do que hás precisão;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

Dos pastores deste monte
Admirado,
Respeitado
Sempre foi e será sempre,
Será sempre o teu cajado;
Nem se enluta,
Quando a luta
Vence com admiração;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

No tanger da sanfoninha
Bem tiveste,
E mereceste
Sempre gabos e louvores;
Até louva o próprio Alceste,
E se cantas,
Tu me encantas,
Que tua voz toda atração;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

Vem Dirceu, sou tua amante,
Eu te amo
E só reclamo
Ter de ti igual destino,
Que por ti toda me inflamo;
Bem mereces,
E conheces
Desta ingênuia confissão;
Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

Sempre unidos e enlaçados,
Venturosos,
E ditosos,
Passaremos nossos dias,
Nossos anos invejosos,
‘Té que a morte,
Com seu corte,
Finde tão bela união;

Se não tens em mim bens altos,
Tens um firme coração.

LIRA II*

Fugi, pastoras,
Que andais no prado,
Que disfarçado
Anda o traidor;
Fugi, pastoras,
Fugi de Amor.

Sem arco e aljava
Hoje aparece,
Bem se conhece
Nisso o traidor;
Fugi, pastoras,
Que esse é Amor.

Pelos seus ombros
Caem os cabelos,
Finos, e belos,
De loura cor;
Fugi, pastoras,
Que esse é Amor.

Oh quando pode
Seu olhar brilhante!
É penetrante
E encantador;
Fugi, pastoras,
Que esse é Amor.

Se ele encarar-vos,
Fugi de vê-lo;
Além de belo
É sedutor;
Fugi, pastoras,
Que esse é Amor.

Dirige ovelhas,
Traz um cajado,
Anda trajado
Como um pastor;
Fugi, pastoras,
Que esse é Amor.

Letras entoa,
Jamais ouvidas,

E nem sabidas
De um só pastor;
Fugi, pastoras,
Que esse é Amor.

Toca lá junto
Da fontezinha,
A sanfoninha,
Cheia de ardor;
Fugi, pastoras,
Que esse é Amor.

Se ele falar-vos,
Sabei seu nome,
Talvez o tome
De algum pastor;
Porém, pastoras,
Fugi de Amor.

LIRA III*

Dirceu, atende
Os meus queixumes,
De amor nascidos
São meus ciúmes.

Eu sei, que outra,
Que outra pastora
De há muito tempo,
Que te namora.

Aonde te encontra
Olha e te mira
Horas inteiras,
Por fim suspira.

Passas por ela,
Diz-te ela graças,
Sem que lhe mostres
Sequer negaças.

Com ela dançaste
Lá na floresta,
Ainda há pouco,
Quando houve a festa.

De mim em breve
Tu esquecido,
Ah ver-te espero
A Laura unido!

Outra beleza,
Outros encantos,
Darão assuntos
A novos cantos...

Porém, Marília
À desventura
Vai ocultar-se
Na sepultura.

LIRA IV

Deixa o meu peito,
Ó Deus menino,
De amor isento,
Que é seu destino
Assim viver;
Em vão amimas,
Em vão afagas,
Abres mil chagas,
Fazes morrer.
Cruel veneno
Foi sempre amor.
Como és tirano,
Ó Deus traidor,
Os teus prazeres
Terminam em dor.

À terna Safo
Foi o amante
Um fementido,
Um inconstante,
Um infiel;
E a desditsa,
Entristecida,
Põe fim à vida,
Sempre fiel.
Seu ai de morte,
Foi ai de amor.
Como és tirano,
Ó Deus traidor,
Os teus prazeres
Terminam em dor.

Inês formosa,
De um rei amada
Ah foi ditosa,
Viu-se adorada,
Pedro a esposou!
Porém por cara
Pagou a dita,
Cruel desdita
A assassinou.
Ah foi seu crime
Somente amor!
Como és tirano,
Ó Deus traidor,

Os teus prazeres
Terminam em dor.

À meiga Hero
Foi o Amante
Sempre extremoso,
Sempre constante,
Sempre fiel,
E por amá-la,
Ó triste sorte!
Sucumbe à morte
Dura e cruel!
E a desgraçada
Morreu de amor.
Como és tirano,
Ó Deus traidor,
Os teus prazeres
Terminam em dor.

Sim...mas quem pode
Resistir tanto
Às tuas setas,
Ao teu encanto,
Ao teu poder?
Cedo, bem cedo,
Ó Deus verdugo,
Ao duro jugo
Devo ceder.
Vítima triste
Serei de amor.
Como és tirano,
Ó Deus traidor,
Os teus prazeres
Terminam em dor.

LIRA V

Apagaram-se as lícidas estrelas
Apenas despontou no céu a aurora,
E já a incerta luz, cheia de encantos,
Os horizontes cora.

Já, os ninhos deixando, os ares talham
Os lindos passarinhos velozmente,
E aqui pelos raminhos pendurados
Cantam alegremente.

Pintadas cabras treparam pelos montes,
Deixando os verdes campos orvalhados;
Tangendo a frauta seguem os pastores
Seus nédios, mansos gados.

E tu, aonde^{*} estás, Dirceu querido,
Que não vens ver a quem só ver-te aspira,
A triste amante, cheia de saudades
Que só por ti suspira?

Aos campos não trarás os teus rebanhos?
Hoje não te verei aqui cantando?
Não ouvirei ao som da sanfoninha
As ovelhas balando?

Ah que a tua ausência me motiva mágoas,
Motiva-me pesares!...A saudade
Me enche o peito de dor e de gemidos,
Me enche de ansiedade!

Não, não deixes de vir a estes campos,
Com isso me darás prazer dobrado;
Longe de ti viver um só instante,
Não pode o bem prezado.

Aqui saudosamente corre o rio;
Aqui o sol o seu calor modera;
Aqui vem, que Marília aqui descansa,
Aqui por ti espera.

Te espera, mas em vão; em vão os olhos
Pelos trilhos estende da campina;
Nem um leve sinal de seu amante
Nos trilhos descortina.

Cansada de esperar eu me retiro;
Tornarei quando o sol atrás da serra
Esconder-se de todo, e fresca sombra
Derramar-se na terra.

Aqui me encontrarás, pastor querido,
Nestes troncos, que a amor vivem sujeitos,
Nos quais gravados temos nossos nomes,
Quais dentro em nossos peitos.

LIRA VI

Invoco as musas,
Afino a lira,
Amor me inspira,
Eu vou cantar:
Hoje um retrato
Quero pintar;
Correi, Amores,
A me ajudar;
Tintas mimosas
Ide buscar.

Cabelos louros,
Alvo semblante,
E penetrante
Divino olhar.
Um tal retrato,
Vamos pintar;
Correi, Amores,
A me ajudar;
Tintas mimosas
Ide buscar.

As sobrancelhas
São arqueadas,
Mas carregadas
Não devem estar.
Um tal retrato
Vamos pintar,
Correi, Amores,
A me ajudar;
Tintas mimosas
Ide buscar.

Pelos seus olhos
Em brincosinhos
Os cupidinhos
Estão a saltar.
Um tal retrato
Vamos pintar;
Correi, Amores,
A me ajudar;
Tintas mimosas
Ide buscar.

Vamos aos lábios
Aonde os risos,
E mil sorrisos
Estão a brincar.
Um tal retrato
Vamos pintar;
Correi, Amores,
A me ajudar;
Tintas mimosas
Ide buscar.

Pérolas claras,
Belas, luzentes,
Pelos seus dentes
Deveis tomar.
Um tal retrato
Vamos pintar;
Correi, Amores,
A me ajudar;
Tintas mimosas
Ide buscar.

É breve a boca,
Que ditozinhos
Engraçadinhos
Sabem adornar.
Um tal retrato
Vamos pintar;
Correi, Amores,
A me ajudar;
Tintas mimosas
Ide buscar.

No peito habita
Sábia virtude,
Que vício rude
Sabe odiar.
Um tal retrato
Vamos pintar;
Correi, Amores,
A me ajudar;
Tintas mimosas
Ide buscar.

Braços perfeitos,
Perfeita altura
E compostura

De se invejar.
Um tal retrato
Vamos pintar;
Correi, Amores,
A me ajudar;
Tintas mimosas
Ide buscar.

Como é difícil
Esse retrato
Fiel, exato,
Aqui findar!
Um tal retrato
Como pintar?
Em vão, Amores,
A me ajudar,
Tintas mimosas
Fostes buscar.

LIRA VII*

Ah! não presumas,
Que um peito amante
Seja inconstante,
Terno Dirceu;
Ele que a lira
Tua escutando
Foi se inflamando
Do fogo teu.

Que importa exista
Inda viçosa
A árvore frondosa,
Aonde gravou
A tua destra
Meu juramento,
Que em esquecimento,
Me não ficou.

Hoje viçosa
A olaia existe,
Hoje resiste
Ao furacão;
Porém que importa,
Se dentro em breve
Um sopro leve
Prostra-a no chão?

Oponha embora
Sua ira a sorte,
Oponha a morte
O seu furor;
Sempre em meu peito
Eterna dura
Terá a jura
De meu amor.

Vive ditoso;
Sou tua amante;
Leal, constante,
Me mostrarei;

E como a rocha,
Que o mar combate,
E não abate,
Firme serei.

LIRA VIII

Depois dos frios do gelado inverno
Volta a terra a brilhante primavera,
E rainha das flores
Alegremente impera.

Desponta o sol no carro seu de ouro,
E sem névoas nas traz o belo dia,
Que no mundo derrama
O riso da alegria.

Assim, depois da tua ausência ímpia,
Meu peito, compungido pelas dores,
Sente se dissiparem
Seus cruentes rigores.

Ah quem ama, Dirceu, viver mal pode
Longe dos olhos de seu bem prezado,
Sem que seu peito seja
Da dor apunhalado!

Se para nunca mais voltar às Minas
Te partisse* sem mim; ah nesse dia
À tão cruel ausência
Triste sucumbiria!

LIRA IX

Aqui sobre um ramo
Dois ternos pombinhos
Se beijam, unindo
Os ternos biquinhos.

Aqui exercitam
Seus castos amores,
Isentos de mágoas;
E cruentas dores.

Mas nos ninhos brandos
Os meigos filhinhos
Lá soltam mil pios,
Abrindo os biquinhos.

As asas batendo
Já deixam o ramo,
Lá vão pressurosos,
Que ouvem o reclamo.

Com eles deveres
De pais exercitam;
Nos tenros biquinhos
Os grãos depositam.

Oh! como da vida
As funções preenchem!
Oh! como de inveja,
Dirceu, não nos enchem?

Porém inda um dia
Unidos seremos,
E vida de amores
Assim gozaremos.

LIRA X

Aqui um lenço
Eu te bordava,
E de meus versos
O circulava.

Eu escrevia,
Por doce encanto,
Estas letrinhas
Em cada canto:

“Unidos inda
Além da morte,
Dirceu, que bela
É nossa sorte!

Em ternos laços
Os nossos peitos,
No amar-se mútuos
Serão perfeitos.

E destes montes
Os mais pastores
Hão de invejar-nos
Os sãos amores...”

Não acabava,
Eis senão quando
O Deus vendado
Já vejo entrando.

Leu os meus versos,
Leu, e sorriu-se,
Porém de siso,
Ah revestiu-se!

Toma-me o lenço,
Pega da agulha,
No fino linho
Destro mergulha.

Porém o lenço
Meu, entregando
Se retirara,
Triste, chorando.

Eu, disso tudo
Admirada,
Vou ver a letra
Por ele marcada.

“Porém a ausência,
Que sorte ímpia
A separá-los
Virá um dia.”

Ah que destino,
Dirceu querido,
Não nos reserva
O fementido!

Ele que tinha
Tão boa sorte
Nos prometido,
Nos lavra a morte.

Olha esse lenço,
E lê marcada
A letra dele
Tão malfadada.

LIRA XI

Agora que a sós estamos,
Vem, papagaio, escutar-me;
Aprende estes ternos versos,
Que hás de com isso alegrar-me.

Não estejas contristado,
Não pesam tuas correntes;
Cativo de minha estima,
São teus ferros inocentes.

Aqui melhor que em teus bosques
Tens d'água fresca do rio,
Aqui tens leite e legumes,
Não sofres calor ou frio.

Não vês os teus companheiros?
Pelo tiro vão morrendo,
Enquanto que vás, meu louro,
Com o trato de amor vivendo.

Canta, canta a todo instante,
Que cantar é teu destino;
Mas não digas, avezinha,
Que eu sou quem sempre te ensino.

Repete este grato nome,
Dize: *Dirceu*, meu louro,
Que este nome é mais que tudo,
Vale a meu peito um tesouro.

Mas nunca, minha avezinha,
O repitas desligado;
Une a este de *Marilia*,
A que deve andar ligado.

LIRA XII

Solta Glauceste
A voz divina,
Louva a beleza
Da ingrata Eulina;
Que nem um riso
Nem um sorriso
Jamais lhe dá.

Ah que tal paga
Da sua amante,
Dirceu constante
Nunca terá!

O terno Alceste
Também na lira
Canta de Laura
O amor que o inspira,
Porém de um peito
De rocha feito
Que obterá?

Ah que tal paga
De sua amante,
Dirceu constante
Nunca terá!

Muitas louvadas
Pela beleza,
Não o merecem
Quanto à dureza;
Que um peito ingrato,
Ah jamais grato
Se mostrará!

Ah que tal paga
Da sua amante,
Dirceu constante
Nunca terá!

Dirceu benigno
Louvores teça
A sua amada,
Sem o que mereça,
Que agradecida
Por toda a vida
A encontrará.

Sim, esta paga
Da sua amante

Dirceu constante
Sempre terá!

LIRA XIII

Por que é que balas,
Minha ovelhinha,
O que te falta?
Já não bebeste
Na fontezinha?

Balas tão triste,
Tu, que saltavas
Alegre sempre
Mais do que as outras,
Com as quais andavas.

Aqui não gozas
Macia relva,
E, quando o dia
Se torna quente,
Sombra na selva?

Não te destingo
Minha ovelhinha?
Qual é das outras,
Que, bem tratada
Traz coleirinha?

Dela não pendem
Sonoros guizos?
Não tem meu nome
Aí gravado
Entre seus frisos?

Ah já conheço
Por que estás triste;
Nem hoje dele
Foste afagada,
Nem mesmo o viste!

Ah! se esta pena
Tu hoje sentes,
Também Marília
Sofre, e derrama
Prantos ardentes.

Porém a ausência,
Minha ovelhinha,
Já vai ter termo,

Que lá ressoa
A sanfoninha!...

LIRA XIV

Inda é Dirceu frondosa a nossa olaia;
Os passarinhos inda aqui gorjeiam;
E as flores, que produzem estes prados,
O ar aformoseiam:

Aqui sereno o Ribeirão caminha
Sobre areias de ouro e diamantes;
Aqui ainda eleva o alto coqueiro
As palmas verdejantes;

Inda o eco murmura docemente
Os fugitivos sons que nos ouvira;
Inda nestes pinheiros enramados
A viração suspira.

A olaia recebeu a nossa jura,
Os ternos passarinhos a cantaram,
E as flores de perfume delicado
O ar embalsamaram:

O Ribeirão corria com sussurro,
Vendo que as nossas almas se ligaram;
E do coqueiro as palmas verdejantes
Nos ares se agitaram:

O eco a transmitiu a outros ecos;
Talvez chegasse a terras apartadas,
Que a viração da tarde a transportara
Nas asas encurvadas.

Quando vires secar a esbelta olaia,
E os lindos passarinhos não cantarem,
E as flores mais gentis e mais cheirosas
De vegetar deixarem;

Quando este Ribeirão pobre e turvado,
Rolar as ondas pelo fulvo lodo
E abater-se o coqueiro e em pó tornado
Desfizer-se de todo;

Quando o eco calado, ensurdecido,
Não repetir teu nome após tua amada,
Nem nos pinheiros sussurrar o silvo
Da viração cansada;

Então, Dirceu, então tua Marília
Deixará de te ser fiel amante;
Chama-lhe então de falsa e fermentida,
De ingrata e de inconstante.

LIRA XV

Não sei se é certo,
Ouvi dizer,
Porém será,
Que o mal bem perto
Do bom prazer
Sempre andará
Esses penhores,
Penhores meus,
Quem os terá?
Nossos amores
O próprio Deus
Amaldiçoará.
Ah se tu partes,
Adeus, adeus!

Ligado a ferros,
Correntes vis,
Ah partirá;
Quais são seus erros,
Quais seus ardis,
Que os sofrerá?
Esses penhores,
Penhores meus,
Quem os salvará?
Nossos amores
O próprio Deus
Reprovará?
Ah se tu partes,
Adeus, adeus!

Deste meu peito
Sem ti, Dirceu,
O que será?
Sentindo o efeito
Do exílio teu
Só gemerá.
Porém penhores,
Penhores teus,
Bem guardará;
Nossos amores
O próprio Deus
Protegerá.

Ah se tu partes,
Adeus, adeus!

A tua amante
Terna e fiel
Sempre será;
De ti distante,
O teu anel
Me lembrará.

E tais penhores,
Penhores teus,
Não esquecerá;
Nossos amores
O próprio Deus
Abençoará.

Ah se tu partes,
Adeus, adeus!

À sua amante
Também Dirceu
Fiel será;
Rosa adorada,
Que ela lhe deu,
A lembrará.

E tais penhores,
Penhores meus,
Quem esquecerá?
Nossos amores
O próprio Deus
Abençoará.

Adeus, tu partes,
Adeus, adeus!

II
SAUDADES.

LIRA I

Deixa este peito, que a saudade habita,
Deixa meus tristes, tão saudosos lares,
E vai, suspiro ardente,
Romper os leves ares.

Longe daqui o meu Dirceu respira,
Respira, e , ai de mim, não sei aonde,*
Que infame e atroz calúnia
Em vil masmorra o esconde.

Porém gira, procura, que hás de achá-lo
Lá onde tu ouvires o meu nome,
Entre os ais repetido
Da dor, que hoje o consome.

Com o ar, que ele respira, te mistura,
Mas não lhe digas de quem és, suspiro;
Nem que és triste mandado
De tão longe retiro.

É fácil conhecer-se um desgraçado,
E ele logo verá, que tão sentido
Só partes deste peito
De tanta dor ferido.

Talvez cuide que és o derradeiro,
Talvez pense que és meu ai de morte;
Dize-lhe pois que vivo,
Que afronto a dura sorte.

Que os olhos já cansados não têm prantos,
Que a não me vir do céu pronto socorro,
Ah perderá-me em breve,
Que aflita e triste morro.

LIRA II*

Ah que não vejo
Teu lindo rosto
Com aquele gosto
Do peito meu;
Já te não vejo
Com a sanfoninha,
Que me entretinha,
Meu bom Dirceu,

Já te não vejo
Com o manso gado,
Que desgarrado
Vai sem pastor;
Já me não toucas
Nesta floresta,
Durante a festa,
Com linda flor.

Tempo ditoso
De meus amores,
Encantadores,
Veloz passou;
E hoje, ó destino,
Cruel verdade!
Triste saudade
Dele ficou!

Tudo no mundo
É passageiro;
Tarde e ligeiro
Há tudo fim.
Não mais suspiro,
Não mais deploro,
Nem triste choro,
Que é tudo assim.

LIRA III

Amor, que os tristes dias me envenenas,
Amor, deixa o meu peito
Folgar livre de penas.

Meus olhos de chorar já se estancaram,
E do peito os suspiros
De todo se esgotaram.

Porém eu inda sofro; vê meu peito,
Vê como retalhado
À dor vive sujeito.

Num só dia perdi quanto prezava,
Um coração tão grande,
Que assaz, assaz me amava.

Levasse muito embora a sorte ímpia,
Levasse muito embora
Quando de meu havia.

Mas ah! não me levasse esse objeto
Digno de minha estima,
Digno de meu afeto.

Tu és Amor, tu és duro verdugo;
Alegres só vivemos
Isentos do teu jugo.

Mal nosso peito foi por ti vencido,
Que a existência se azeda,
Que tudo está perdido.

Heloísa e Abelardo** muito se amaram,
Porém só no sepulcro
Um dia se juntaram.

O que na vida, Amor, não consentiste,
— União merecida —,
Na morte permitiste.

E *Marília* e *Dirceu* na lousa dura
Lerão cedo os pastores
De uma só sepultura.

LIRA IV*

Tu na masmorra
Gemendo em ferros;
E por que crimes,
E por que erros?

No céu sereno,
Mimosa e bela
Como brilhava
A tua estrela!

Mil vezes nela
Olhos fitava,
E só de vê-la
Me contentava.

Porém, agora
Os olhos pondo,
De horror me gelo,
O rosto escondo.

Em um instante
Tudo mudou-se,
O riso em pranto
Cruel trocou-se.

Mal haja o monstro,
Que te condena
À tanta ausência,
À tanta pena.

Que sem que o saiba,
Ó dura sorte,
Também me pune
Com a própria morte.

LIRA V

Como triste te tornaste
Tu que estavas tão contente;
Como estás emudecido,
Meu papagaio inocente!

Já, meu louro, me não cantas
Os versos que eu te ensinava,
E que eu entregue a mim mesmo
Em silêncio te escutava.

Ah que já me não repeteis
Aquele tão doce nome!
Que pesar torna-te mudo,
Que tristeza te consome?

Queres voltar aos teus bosques,
Queres ver teus companheiros?
O que é que aqui te falta,
Não tens tratos lisonjeiros?

A tua terna senhora
Não te afaga com carinhos?
Se lhe falas, não responde,
Não aceita os teus beijinhos?

Ah já sei, minha avezinha,
Tu me vês triste, afligida,
Por isso também te calas,
Também estás emudecida!

Deixa, que ainda um dia
Me verás qual já me viste;
Nem sempre o cantar alegre,
Nem sempre o silêncio triste.

LIRA VI

Meu jardinzinho
Ainda ontem
Cheio de flores,
Que mereciam
Tantos louvores,
Hoje tão murcho
És como eu.

 Oh como é triste
Tudo o que é meu;
Falta-me tudo
Sem meu Dirceu!

Esta roseira,
Inda tão nova
E tão viçosa,
Que se elevava
Aqui frondosa,
Hoje morrendo
Vai como eu.

 Oh como é triste
Tudo o que é meu;
Falta-me tudo
Sem meu Dirceu!

Tristes florzinhas,
Nem as resguardo
Do sol ardente;
Nem mais as rego
Na tarde quente;
Vão feneçendo
Também como eu.

 Oh como é triste
Tudo o que é meu;
Falta-me tudo
Sem meu Dirceu!

Aqui voavam
Mil borboletas
De várias cores,
Que eram dos ares
Quais soltas flores;
Se retiraram
Tristes como eu.

 Oh como é triste
Tudo o que é meu;

Falta-me tudo
Sem meu Dirceu!

Com as turvas águas
Deste ribeiro,
Ontem tão puro,
O amargo pranto
Triste misturo,
Se hoje está turvo
É como eu .

Oh como é triste
Tudo o que é meu;
Falta-me tudo
Sem meu Dirceu!

Aqui me assento
Sobre este banco
De seca relva,
E um ai soltando,
Da longe selva
Responde a rola,
Triste como eu.

Oh como é triste
Tudo o que é meu;
Falta-me tudo
Sem meu Dirceu!

Dirceu querido,
Se tu voltasses
A este saudoso
Sítio, onde vive
Teu bem choroso,
Reviveria
Tudo como eu.

Seria alegre
Tudo o que é meu;
Nada me falta
Com o meu Dirceu.

LIRA VII

Campos, que tão alegre já me vistes,
Quando os dias felizes me corriam;
Campos, campos tão tristes,
Ah deixai que aqui gema
Quem tem no peito sua dor tão extrema!

Eco, que em tempo para mim ditoso
Repetiste meus cantos de alegria;
Eco, eco saudoso,
Repete os meus lamentos,
Nascidos de tiranos sofrimentos.

Fonte, que aqui me viste tão ditosa,
E meu alegre rosto retrataste,
Fonte, fonte chorosa,
Recebe este meu pranto;
Que por amargo não te cause espanto.

Aves, que ouvi aqui de amor cantando,
No mês em que fazeis os vossos ninhos,
Aves, aves, voando,
Soltai o vosso canto,
Que o mal me abrande com seu doce encanto.

Flores, que amei e que prezei constante,
E em grinaldas por vezes me enfeitastes,
Flores, flores, o amante
Se meigo vos colhia,
De beijos como este, vos cobria.

Brisa, que vês a minha infausta pena,
Quando dantes me vias tão risonha;
Brisa, brisa serena,
Ah toma este suspiro,
E leva-o ao meu amante em seu retiro.

Campos, eco, fonte, água, flores, brisa,
Não divulgueis a causa do tormento
Que assaz me penaliza;
Só saibam minhas dores
Campos, eco, fonte, aves, brisa, flores.

LIRA VIII

Ah como tenho,
Dirceu querido,
O triste peito
De dor ferido!
Ah que nem posso
Sequer gemer,
Entregue à mágoa
Eu vou morrer!

Eu vi, eu própria
Tua morada
De povo e tropa
Toda cercada,
A te intimarem
Negra prisão;
Qual não foi minha
Perturbação?

Quando passaste
Eu pranteava,
Toda sentida;
Eu delirava,
Sem poder ver-te,
Fora de mim;
Ah foi-me ao menos
Melhor assim!

Em vil masmorra
Hoje lançado,
Da liberdade
Triste privado,
A vil calúnia
A tanto ousou;
Nossos amores
Envenenou.

Mal haja o ímpio,
Que assim traiu-te,
E em duros ferros
Sorrindo viu-te;
Aos seus remorsos
Se entregará,
E abandonado
Fenecerá.

Porém embora
Se ire a sorte;
Teu grande peito
Sereno e forte
Da vil calúnia
Triunfará;
Reta justiça
Te salvará.

Segue, sim, segue
O teu destino,
Que mui constante,
Leal e fino
Será na ausência
O meu amor,
Que juro amar-te
Seja onde for.

LIRA IX

No mesmo ninho nascidos
Haviam lindos pombinhos,
E o seu ninho começaram
Entre copados raminhos.

No ninho, sob o arvoredo,
Gemia a saudosa amante.
Enquanto que o triste amado,
Vagava dela distante.

Laço cruel aqui armado
O inocentinho esperava;
Caiu na falsa arapuca,
Que ele sequer suspeitava.

A triste da companheira
Lá do arvoredo o chamando,
Ternos ais, ternos gemidos
Ia do peito soltando.

E já preso na gaiola
O seu amante gemia;
Da ausência o cruel efeito
Por seu martírio sentia.

A amante deixando o ninho
Por toda a parte o buscava,
E depois para o seu ninho
Inda mais triste tornava.

Saudoso da cara amante,
Pela qual inda gemia,
O triste do desgraçado
Já na gaiola morria.

E ela também sentida,
Lamentando-se da sorte,
Debatia-se ansiosa
Nas agonias da morte.

Por que estava o triste preso,
Longe de sua metade?*
Que delito cometera
A perder a liberdade?

Ah neste quadro contemplo,
Dirceu, a nossa existência!
Tu sofres, eu também sofro
Tão injusta violência!

LIRA X*

Sempre a teu lado
Vivi ditosa,
Fui venturosa
E mui feliz;
Porém agora,
De ti distante,
Por ser constante
Vivo infeliz!

E tu padeces
Duro tormento,
Vil sofrimento
Nessa prisão;
A cada passo
Teu compassado,
Tine arrastado
Negro grilhão.

Nessa masmorra,
Que te molesta,
Por fina fresta,
Só vês a luz;
Ah tudo isto
A este estado,
Tão desgraçado,
Só me conduz.

A chave soa,
E a porta dura
Se abre da escura
Forte prisão;
O juiz entra,
Indaga o crime,
E não te exime
Da escravidão.

Sucede a noite
Ao triste dia,
Sem que alegria
Tu possas ter;
Que triste sina!
Antes da morte
Provar o corte,
Que assim viver.

Em breve o tempo,
Trará a morte,
E minha sorte
Se findará;
E só destarte
A dura pena,
Que me envenena
Se acabará.

LIRA XI

Deusas, que a lira eternizou na terra
Tecendo altos louvores
À vossa formosura e gentileza,
Aos vossos sãos amores;
Ouvi primeiramente os meus suspiros,
Se vos mereço tanto,
Atendei-me depois os tristes rogos,
Que vos dirijo em pranto.

Ah pelo meu amante
Benignas implorai;
Os deuses irritados
Benignas aplacai!

Safo, que foste em musa convertida,
Safo que tanto amaste,
Ah tu que sabes quanto amor nos custa,
Que por ele findaste;
Safo divina, atende os meus suspiros;
Não corro sem ventura
Após amante falso e fementido
Que falta à própria jura.

Ah pelo meu amante
Ajuda-me a implorar;
Os deuses irritados
Ajuda-me a aplacar.

Ó Beatriz, que foste decantada
Na lira dos amores,
E na lira divina, que cantara
Os infernais horrores;
Beatriz celeste, atende os meus suspiros;
Ah também decantada
Eu fui na sua lira, e minha sina
Tornou-me desgraçada!

Ah pelo meu amante
Ajuda-me a implorar;
Os deuses irritados
Ajuda-me a aplacar!

Ó Clorinda, que tanto mereceste
Por teu peito constante,

Que foste celebrada e eternizada
Por teu tão grato amante;
Clorinda grata, atende os meus suspiros;
Também se na sua lira
Ele canta de amor, é porque a minha
Constância é que lhe inspira.

Ah pelo meu amante
Ajuda-me a implorar;
Os deuses irritados
Ajuda-me a aplacar.

Ó Natércia, que deste eterno assunto
Ao canto da saudade,
Com que o grande cantor enchia os ares
Da sua soledade;
Natércia bela, atende os meus suspiros;
Também por mim saudoso
Ele geme sem ver a luz do dia
Em cárcere horroroso.

Ah pelo meu amante
Ajuda-me a implorar;
Os deuses irritados
Ajuda-me a aplacar!

Ó Laura, que inda ouves em Vauclusa
As águas repetindo
Os versos, que decantam tuas graças,
Teu rosto belo e lindo;
Laura ditosa, atende os meus suspiros;
Tenha eu a ventura
De jazer, como tu, com o terno amante,
Na mesma sepultura.

Ah pelo meu amante
Ajuda-me a implorar;
Os deuses irritados
Ajuda-me a aplacar!

Deusas, que a lira eternizou na terra
Tecendo altos louvores
A vossa formosura e gentileza,
Aos vossos sãos amores;
Ó deuses, atendei os meus suspiros;
Se sofrestes outrora,
Pranteando de dor e de saudade,

Marília sofre agora.

Ah pelo meu amante
Benignas implorai;
Os deuses irritados
Benignas aplacai.

LIRA XII

Não só comigo
O duro fado
Fero e inimigo
Se irou, Dirceu.

Não só Marília,
Também Eulina
O seu amante
Triste perdeu.

O desgraçado
Em vil masmorra,
Ah malfadado,
Por fim morreu.

Não só Marília,
Também Eulina
O seu amante
Triste perdeu.

Tal desventura
De alguma forma
A mágoa dura
Me alívio deu.

Não só Marília,
Também Eulina
O seu amante
Triste perdeu.

E na lembrança
Inda conservo
Essa esperança,
Que ela me deu.

Não só Marília,
Também Eulina
O seu amante
Triste perdeu.

“O teu amante
Ainda vive,
Bem que distante
Ah não morreu!

Somente Eulina,
E não Marília,
O seu amante
Triste perdeu.

E brevemente
Talvez que volte
Ledo e contente
Ao peito teu.

Somente Eulina,
E não Marília,
O seu amante
Triste perdeu.

Fosse verdade
Essa esperança,
E realidade
Ao peito meu!

Que só Eulina
E não Marília,
De todo o amante
Triste perdeu.

Corre, vem dar-me
Essa alegria;
Vem abraçar-me,
Caro Dirceu

Que só Eulina,
E não Marília,
De todo o amante
Triste perdeu.

Porém, ó sorte,
Estou mostrando
O peso forte
Do grilhão teu

Não só Eulina,
Também Marília
O seu amante
Triste perdeu!”

LIRA XIII

O sítio onde outrora
Alegre passaste
Os anos mimosos,
Que tanto gozaste,
Em triste deserto,
Dirceu, se trocou.

E tua Marília
Ah também mudou;
De alegre, que era,
Triste se tornou!

Disposto a servir-me
Levavas meu gado
À fonte mais clara,
À vargem e ao prado;
Agora meu gado
De fome expirou.

A tua Marília
Ah também mudou;
De alegre, que era,
Triste se tornou!

Daqueles penhascos
Um rio caía,
Que vezes sentado
Ali não te via;
Mas agora o rio
De todo secou!

A tua Marília
Ah também mudou;
De alegre, que era,
Triste se tornou!

Aqui uma moita
Crescia de flores,
Aqui te assentavas
Com os outros pastores;
Agora em abrolhos
Tudo se trocou

A tua Marília
Ah também mudou;
De alegre, que era,
Triste se tornou!

Aqui se estendia
Formosa floresta,

Aonde passavas
A tarde e a sesta;
Porém o incêndio
Tudo devastou.

A tua Marília
Ah também mudou;
De alegre, que era,
Triste se tornou!

O eco que dantes
Tua voz repetia,
Teus versos amados,
E quanto te ouvia;
Sendo a meus suspiros
Ah já se calou!

A tua Marília
Ah também mudou;
De alegre, que era,
Triste se tornou!

Os pássaros dantes
Aqui revoavam,
Seus hinos contentes
Aqui entoavam;
Mas agora tudo
Aqui se calou

A tua Marília
Ah também mudou;
De alegre, que era,
Triste se tornou!

Tão bela que estava
A olaia frondosa,
Aonde escrevemos
A jura amorosa;
As folhas largando
De toda secou

Só tua Marília
Na fé não mudou,
Se firme te era,
Mais firme ficou.

LIRA XIV

Aos dias, meu Dirceu, sucedem anos,
Sem que te veja aos teus restituído,
E dos bens, que roubou-te* a sorte ímpia,
De novo enriquecido.

Oh como não desejo ver ainda
Abertas as janelas da tua herdade,
E tu gozando ao lado dos amigos
Da tua liberdade!

Parece que te vejo vir entrando
Por este sítio dantes tão fagueiro,
E mal te vê, te desconhece e late
O teu fiel rafeiro.

Porém mal pelo nome teu lhe** chamas
As orelhas bate, a cauda abana;
Uiva, e salta, e te lambe os brancos dedos,
Com grande festa insana.

Lá vem correndo dos confins do campo,
Ou daquela sonora fonteinha,
As brancas ovelhinhas, porque ouvem
A tua sanfoninha.

Aquela vaca com tardio passo
Vem inda a verde relva mastigando;
A boca, que de negro e branco é tinta,
Fumaça vem lançando.

Pára ante ti e a cabeça abaixa,
Suspende a cauda no quadril burnido;
Tu lhe corres a mão de levemente
Sobre o pêlo luzido.

Porém ao longe muge a bezerrinha,
Ela responde-lhe também mugindo;
Com a tosca língua a branca mão te lambe
E pronta vai seguindo.

Aqui te felicitam, te cortejam
Os pobres pegureiros e pastores,
E torna a repetir o eco vizinho
O canto dos amores.

É um sonho, Dirceu, de um doce sono,

Do qual me acorda a atroz diversidade,
Porém que ainda pode converter-se
Em uma realidade.

LIRA XV

Ah que tu gemes
Nessa masmorra
De mágoa e dor;
Ah que eu suspiro
Na minha aldeia,
Ah que eu deliro,
Porém de amor!

Aí procuras
Doces lembranças
Do que passou;
E eu ante as cenas
Destas campinas,
Cruentas penas
Sofrendo estou.

Lá na masmorra
Fechas os olhos,
Que é tudo horror;
E eu suspiro
Triste e aflita,
Que este retiro
Recorda amor.

A meiga Hero
Porque se esqueça
Do seu pesar,
Chorando a sorte
Do caro amante
A dura morte
Soube afrontar.

Eu inda vivo,
Que inda a esperança
Me não deixou;
Mas isto é vida?
Ah desgostosa
Aborrecida
Morrendo vou.

LIRA XVI*

Dirceu, que pensas
Da tua amante,
Que ela de rir-se
E de alegrar-se
Tenha um instante?

Assaz me aflijo
Da tua sorte,
E aos Deuses peço
A meu alívio
Rápida morte.

Ah nem me é dado
Ao meu discurso,
Ao triste pranto,
A dor cruenta
Dar livre curso.

Pesar contínuo
Sofre meu peito,
Que da tua ausência
Ocultamente
Sente o efeito.

Choro às ocultas,
Sofro em segredo,
Gemo sozinha,
Como o proscrito
Em seu degredo.

Ah também dantes
O meu sorriso,
Por imperfeito
Mal me traía
Do rosto o siso.

Também a vista
Era furtiva,
E só de ver-te
Dentro em mim mesmo
Ficava altiva.

Mas minha sina
E desventuras
Fizeram amar-te,

Por que eu sofresse
Tais amarguras.

Mas fica certo
Desta verdade,
De que agora
Bem te assegura
Minha saudade:

“Não mais queixumes
Farei constante;
Sofrerei tudo
Por teu respeito
Que sou tua amante.”

LIRA XVII

Se há desgostos, Dirceu, é a lembrança
Dos bens que já gozamos* neste mundo,
Quando a desgraça avança;
Assim ao me lembrar dos tenros anos,
Não sei como de mágoa não sucumbo,
A tão cruentes danos.

Ah tudo me recorda os belos dias,
Nossas venturas cheias de esperanças,
E nossas alegrias;
Não é a memória que me está lembrando,
São objetos que os meus tristes olhos
Estão só divisando.

Saio à janela, saio descuidada,
E sem que o queira logo dou com a vista
Em tua morada,
Que me vem recordar passados dias
Em que as horas gastavas em esperar-me,
Até que enfim me vias.

Vejo a floresta cheia de pinheiros,
Onde passamos juntos sossegados
Mil dias prazenteiros;
Vejo o rio queinda se despenha
Com murmúrio sentido e malformado
Da alcantilada penha.

Tudo mudou-se em triste desventura;
Trocaram-se os momentos preciosos
De nossa sã ventura,
Que tudo muda o tempo e muda a sorte,
Porém dele a lembrança tão saudosa
Mudar só pode a morte.

LIRA XVIII*

Aqui me chegaram
Aos tristes ouvidos
Uns ternos gemidos,
E vi que eram teus;
Aqui os conservo,
Conservo nos peitos,
Em laços estreitos,
Unidos aos meus.

E Dirceu pensava
Que eles desprezados,
Ou mal abrigados
Haviam de ser;
Que importa a injustiça,
Que importam teus ferros?
Quais foram teus erros
Para os merecer?

Tu mesmo me dizes,
E já me dizias
Nos felizes dias
De nossa união:
“Os crimes desonram
Se são existentes,
Mas os inocentes
Infames não são.”

Mas fosses culpado
Que inda te amaria,
E me inflamaria
No fogo de amor;
Mas és inocente,
Tua sorte deploro,
E aos Deuses imploro
Com todo o fervor.

Em uma masmorra
São noites teus dias;
Tuas alegrias
Contínuo pesar;
Porém tal estado,
Tal padecimento,
Tanto sofrimento,
Não devem durar.

E eu sem que viva
Em duros desterros,
Sem sofrer teus ferros
Não estou a gemer?
Mas sempre à esperança
Tenho o peito aberto,
E ainda liberto
Te hei de cedo ver.

Sofre, mas espera
E espera, que um dia,
De grande alegria
Nos há de inda vir;
E então estes braços,
Dirceu inocente,
Alegre e contente
Te hei de eu abrir.

LIRA XIX

Ah que nem eu possua
A lira, que pulsada
A famosa cidade
Viu logo edificada!
Vinham de longe os penedos duros
A escutar de mais perto os sons divinos,
A formar os robustos, longos muros.

Ah que nem sequer tenha
A sonora lira,
Que os rios suspendera,
Que os troncos atraíra,
E os feros, bravos brutos amansara,
Que extraindo das cordas sons celestes
Capaz de ações maiores me julgara!

Não ergueria os muros
À famosa cidade,
Por competir com os vates,
Que teve a antiguidade.
Nem quisera p'ra mim a sua fama,
Que o desejado louco amor de glória
A inchados peitos vãos somente inflama.

Não fora ao negro Averno,
Onde soam lamentos,
Onde vagam suspiros,
Gerados por tormentos,
A abrandar de Plutão a eterna ira,
E suspender os duros sofrimentos;
Assunto mais feliz amor me inspira.

Ah Dirceu, mais faria!
Teus fados aplacara,
E da infame masmorra
Contente te arrancara!
Aos sons da lira os ferros teus desfeitos,
Ficarias então de todo preso
Em laços mais suaves e estreitos.

Porém se falha a lira,
Também a não careces,
Que por culpáveis erros
Tais ferros não mereces;

Só falha da justiça a diligência,
Que reta procurasse em ti delitos
Para em ti encontrar honra e inocênciia.

LIRA XX*

Donde vens, oh passarinho,
Que terras atravessaste,
Que assim cheio de fadigas
Sobre o meu seio chegaste?

Vens de terras tão distantes,
Vens do Rio de Janeiro!
Ah não me digas que trazes
Tristes novas, mensageiro!

De uma masmorra saíste
Sim já sei quem enviou-te^{**},
Quem estas tristes palavras,
Meu passarinho ensinou-te.

Ah volta à tua masmorra,
Passarinho sonoroso;
Volta para aquele peito,
Que enviou-te tão saudoso!

Deixa esta triste morada
E passa a ponte primeira,
Passa depois a segunda,
Passa depois a terceira.

Segue, deixa Vila Rica,
E toma do Rio a estrada,
Segue a serra, e fatigado
Pousa em árvore copada.

Retoma depois o vôo,
Desce pelas abas dela;
Rompe os ares velozmente,
E ganha o porto da Estrela.

E na formosa baía,
De montanhas torneada,
Ganha e segue sem descanso
A sua triste morada.

Penetra nas grossas grades
E entra a sua masmorra
Aonde o triste suspira,
Sem ter lá quem o socorra.

Dá meu terno passarinho
Conta de tua viagem;
E dá-lhe mais, passarinho,
Conta de tua mensagem.

Dize-lhe como me achaste,
Pinta-lhe em pranto meu rosto,
Narralhe como meu peito
Padece cruel desgosto.

E depois , ó passarinho,
Entoa os teus ternos cantos,
Afugenta as suas mágoas,
Mitiga seus tristes prantos.

LIRA XXI

Era alta noite,
E eu suspirava,
E amargo pranto
Dos baços olhos
Triste soltava.

Ouvia ao longe,
Zunir o vento,
Correr a fonte,
Piar o mocho
Em seu lamento.

E vela acesa
Só derramava
Luz tão mortiça,
Que a escuridade
Mais realçava.

Eis que a meu lado
Sinto um ruído;
Depressa os olhos
Volto, e conheço
Que é o deus Cupido.

Com minhas tranças
Me enxuga o pranto,
E que não chore,
E não suspire
Pede-me entanto.

“E por que choras,
Por que suspiras,
Se aqui te trago
Novas do amante
Nas novas liras?”

Porém meu pranto
Mais aumentou-se,
Porque ao lê-las
A dor no peito
Exacerbou-se.

Amor que ouvia
O meu lamento,
Também o pranto

Soltou, sentido
De meu tormento.

“Não me lembrava
Que essas notícias,”
Me disse ele,
“Te agravaríam
Por não propícias.

Porém não chores,
Aos deuses corro;
Para salvá-lo
Hei-de de todos
Ter o socorro.

Se me negarem,
Em céus e terra
Com minha tropa
De Cupidinhos
Lhes farei guerra.”

Disse, e já longe
Se alevantando
Nas azasinhás,
Foi pelos ares
Destro voando.

Ah se te vejo
Por inocente
Livre dos ferros,
E da masmorra,
Serei contente!

Aqui ditosos
Nesta floresta
Celebraremos
Tal qual não vista
Tamanha festa.

Que a nossa aldeia
Por todo o dia
Andará farta
De mil prazeres,
E alegria.

Oh que não seja
Ele tardonho!
Oh que não fique
Tanta ventura
Num mero sonho!

LIRA XXII*

Teus pulsos denegridos pelos ferros
Não me hão incutir, Dirceu, horrores;
Apenas lembrarão o infortúnio
Em nossos sãos amores.

Qual mostra o capitão da nau veleira
O escapo resto do traquete roto,
Quando lutou com as ondas irritadas,
Com o audaz e rijo Noto.

Assim tu mostrarás teus negros ferros;
Com o dedo apontarás a vil cadeia,
E as paredes escritas de teus versos
Com o fumo da candeia.

Aqui renovarás passados dias;
Verei de novo no teu rosto o riso;
Dirás inda lembrado da masmorra:
“Estou num paraíso!”

Aqui conversarás com os teus amigos,
As passadas venturas recordando,
Novos projetos cheios de esperança,
Nos ares figurando.

De novo em torna à rede em que pouzares
Assentar-se virão filhos queridos,
Para escutar da tua própria boca
Os contos divertidos.

E tu lhe contarás algumas vezes,
Por que tenho em ti o exemplo claro,
Como zomba dos ferros da calúnia
Um coração preclaro.

Cheios de pranto, cheios de ansiedade,
Ouvirão os tormentos que sofreste;
Praguejarão com a mãe a vil calúnia,
Que enfim vencer pudeste.

Depois lhes mostrarás os roxos pulsos
E os lívidos sinais serão beijados;
Sobre eles cairão as quentes gotas
Dos olhos orvalhados.

Mas tu os abraçando ternamente,
Os beijarás também banhado em pranto,
Que um coração tão terno e agradecido
Ah não resiste a tanto!

LIRA XXIII

Flores, que ides*
Assim murchando,
Reverdecei;
Também convosco
Me animarei,
Que em breve instante
O caro amante
Receberei.

Volta a seus lares,
Volta inocente
O bom Dirceu,
Que a vil calúnia
Não o perdeu;
Nova tão grata
Ah me relata,
Que ele a venceu!

Ó ovelhinhas,
Que ides balando
Nesse clamor,
Tereis de novo
Vosso pastor,
Sombria selva,
Macia relva,
Trato de amor.

Ó fontezinhas
Limpas e puras,
Podeis correr,
Aqui de novo
Haveis de o ver
Ao som das mágoas
De vossas águas
Adormecer.

Ó passarinhos,
De novo vinde,
Vinde cantar,
Vinde com as vozes
Tudo animar,
Que há de ele cedo
Um canto ledo
Vos ensinar.

Eco, que outrora
Lhes repetias
Pronto e veloz,
A doce, e terna,
Mimosa voz,
Não mais condiz-te
Silêncio triste,
Que a ausência impôs.

Ó Laura, ó Laura,
O teu Alceste,
Também virá,
Somente Eulina
Não tomará
Parte na festa,
Que o seu Glaucesta
Não tornará.

Ó desta aldeia
Lindos pastores,
Eia, exultai!
Vossas cantigas
Eia, entoai!
Para enramá-lo
De hera, e abraçá-lo
Vos preparai.

Ele vem cedo
Em Vila Rica
Contente entrar,
A aurora há de
O anunciar,
Que alegre e amena
Virá tal cena
Abrilhantar.

E eu, que chorosa,
Triste e aflita
Vi-o partir,
Oh como alegre
Verei-o vir!
E a esse efeito
Poderá meu peito
Mais resistir?

Porém que glória
Para uma amante

Não deve ser,
Se pelo amado,
Tornar a ver,
Só da alegria
Que a extasia,
Chega a morrer.

Torna a teus lares,
Volta a teus campos,
Meu bom pastor;
Contigo acaba
Da ausência a dor;
Ah nos teus braços
Em doces laços
Respira amor!

LIRA XXIV*

Deixemos a triste herdade,
Aonde apenas respiro,
Aonde chorar mal posso,
Aonde sequer suspiro
O meu fado, o meu pesar;
Longe das vistas serenas
Soltarei o amargo pranto,
Mitigarei meus pesares,
Como a ave com seu canto
Alivia o seu penar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Já não me resta uma Eulina,
Com quem dantes conversava;
Já não me resta uma Laura,
Com que dantes passeava,
Sem no futuro cuidar;
Vamos, pois, eia, coragem,
Coração tão malfadado;
Recorda antigas venturas
De um amor tão desgraçado,
Que bem vale o recordar

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

São estes os belos sítios,
Os belos sítios formosos
Aonde Dirceu contente
Passou seus anos mimosos,
Que bem foram de invejar;
Ah nestes tão verdes prados
Satisfeito ele brincava,
Enquanto a macia relva
O seu rebanho pastava
A mugir e a balar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Aqui está o penhasco,
Aonde constante o via,
E ao sussurro deste Rio
Por vezes adormecia,
Para logo despertar;
E para que o ouvisse
Suas letras repetia,
O eco as suas palavras
Três vezes fiel dizia,
Para mais o ajudar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Aqui está o regato,
Inda corre tão sereno
Por estas margens cobertas
De lindas flores e feno,
Que o vento está a abanar;
À minha esquerda eis o bosque,
O lindo bosque fechado,
Que intentou em vão mudá-lo
O duro tempo apressado,
Pois há de sempre durar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Aqui ele confessou-me
Seus inocentes amores,
Como Cupido feri-o
Com seus duros passadores,
Para obrigá-lo a me amar;
“Mal vi, me disse, o teu rosto
O sangue todo gelou-se,
Tremi, a língua prendeu-se,
E a cor das faces mudou-se,
Estive quase a expirar.”

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!*

Aqui meu olhar furtivo,
Meu terno riso imperfeito,

Traíram-me a casta chama,
Que ardia dentro em meu peito,
E que eu buscava ocultar;
E de amor tão inocente
Mútua jura nos prestamos,
E ainda a olaia é vaidosa
Da jura que aqui gravamos,
E que há de eterna durar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Então, disposto a servir-me,
Levava meu nédio gado,
A beber em clara fonte,
A pastar em brando prado,
Paravê-lo prosperar;
De volta me dava as aves,
Que me trazia dos ninhos
Ou de temor ou de fome
Abrindo os tenros biquinhos,
Para eu as sustentar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Aqui se ele se alegrava,
E eu ternamente me ria
Mostrando nas minhas faces
A sua própria alegria,
Que eu nem sabia prezar;
Mas se o contemplava triste
Logo o seu pranto limpava,
Com meus trançados cabelos
Que ele pronto me beijava,
Para grato se mostrar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Nestes sítios , que matizam
Murtas viçosas e lírios,
Cantou os nossos amores,
Engrandeceu seus delírios

Para mais me cativar;
Aqui se a lira tomando
Alegremente cantava,
Cantava eu também com ele,
E o eco nos imitava,
Para mais nos provocar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

À sombra deste alto cedro
Meditamos na beleza,
Que em tudo quanto respira
Apresenta a natureza,
Sem o seu fundo esgotar;
Nesta frondosa roseira,
Ante ele receosa,
Sem temer oculta abelha,
Colhi um botão de rosa,
Que lhe não pude negar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

E muitas e muitas vezes
Aqui ele se assentava;
Lavrava-me as finas rocas
Em que eu fiando andava,
Com tenção de lhe ofertar;
Narrava-me lindos contos,
Dizia-me seus desejos,
Dava-me depois nos dedos
Doces beijos amorosos,
Para me fazer corar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Ah aqui por estas horas
Ver-me logo procurava;
Defronte de minha herdade
Horas inteiras ficava
Tristemente a suspirar;

Eu mal me erguia da cama
Que apressado a porta abria,
E somente paravê-lo
Logo à janela corria
Inda os olhos esfregar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Ele então me comparava
À aurora, que destoucada
Surge no roxo horizonte,
De seus prantos orvalhada
Para o dia anunciar;
E então seus versos me lia,
Depois os versos me dava,
E no seio prontamente
Prontamente eu os guardava,
Para aos outros ajuntar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Do cerco apenas soltava,
Soltava o meu nédio gado,
Que me amimava a ovelhinha,
Que eu trazia em mais agrado,
Também para me agradar;
Dava-lhe sempre no prado
Da relva tenra e macia,
Dava-lhe sempre na fonte
D'água que mais pura havia,
Com o prazer de a engordar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Depois no seu colo a pondo
Contra o coração unia,
E como que me falava
Coisas ternas lhe dizia,
Para eu as escutar;

Eu disso tudo me ria
E disfarçar procurava,
E ele de perceber-me
Nem sequer o sinal dava,
Para não se atraíçoar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Lá está sua morada,
E a janela onde o via;
Lá está sua varanda,
Aonde se reunia
Com os seus a conversar;
Ali escutava atento
Os versos de seu Alceste,
Ali os seus versos lia
Ao seu amigo Glauceste,
Que os bem sabia prezar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Ali de ferros cobertos
Partiu para longe terra,
Aonde horrenda masmorra
Estreita e escura o esconde,
Sem o que deixe respirar;
Dali o triste me envia
Os seus suspiros saudosos,
Os seus queixumes sentidos,
Os seus gemidos chorosos,
Que mal me podem chegar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Geme o pai, geme a família,
Em pesares mergulhada;
Geme toda Vila Rica,
Em tristeza sepultada,
Por seu injusto penar;

E a triste amante chorosa,
Nem mesmo pode carpir-se;
Com a dor oculta no peito,
Vê-se obrigada a sorrir-se,
Para seu mal disfarçar.

Tais queixumes de saudade
Não venha alguém escutar;
Ah eco, por piedade,
Não mos vás tu divulgar!

Porém a noite já desce;
Deixemos as cenas tristes,
Que, ó coração desgraçado,
A tanto já não resistes,
Cansado de suspirar;
Talvez, que amanhã o dia
Mais favorável me seja,
Que só de esperanças vive
Quem neste mundo deseja,
Que bem há que desejar.

Cesso as queixas de saudade,
Que me não venham escutar,
Que o eco, por piedade,
Não mais há de divulgar.

-LIRA XXV

Aqui do tronco pendente
Tristemente hoje te deixa,
E p'ra sempre te deleixa*,
A minha cruenta dor.

Não mais ressoes,
Lira de amor.

Feliz e ditoso o tempo
Em que eu aqui te tangia;
Tinha por mim a alegria,

Era tudo inspirador.
Não mais ressoes,
Lira de amor.

Se eu aqui te esquecia,
Triste, doída e queixosa
Tu suspiravas saudosa
Com o vento gemedor.
Não mais ressoes,
Lira de amor.

Ah para meu triste canto
Não tenho mais que o lamento,
Nascido do sofrimento
Cruento e consumidor!
Não mais ressoes,
Lira de amor.

LIRA XXVI

Como mente e engana o sonho
Da humana felicidade,
Mas o sonho da desgraça
Torna-se sempre verdade.

De ser, Dirceu, tua esposa
Tenho perdida a esperança;
Em mares de dor e mágoa
A sorte cruel me lança.

E o tio me diz agora
Que ele não quer, nem consente,
Que eu jamais esposa seja
De um réu, de um inconfidente.

Em vão eu lhe digo quanto
Me dizes em teu abono:
“Não é contra um cetro justo
A alma digna de um trono.”

Ele me volta que partas,
Que partas p’ra teu destino,
Que cumpras tua sentença,
Segundo o fado ferino.

E o pai e toda a família,
Oh como triste e sentida
Não ficarão ao saberem
Da tua infesta partida!

Desertos duros, cruentos,
Ah lá te estão esperando,
Onde viverás somente
De mágoa e dor pranteando!

Desertos duros, cruentos,
Que nos seus campos adustos
Que nos seus vales de areias
Não brotam ervas e arbustos.

O céu, é um céu de bronze;
O sol cresta tudo e inflama;
E a morte nos densos ares
E negra peste derrama.

Leões, elefantes, tigres,
E serpentes tão-somente
Respirar e viver podem
Nesta atmosfera ardente.

Nas caras terras da pátria,
Por seu próprio e infausto dano,
Chega, suspira e sofre
O pobre negro africano.

Infeliz lá, alta noite,
Sente na tosca choupana,
Roubarem-lhe os tenros filhos,
Que o não vedava lei humana.

Escravos, de livres que eram
Nos seus malfadados lares,
Os leva a avareza humana
A estranhos longes lugares.

A esses cruéis desertos
Irás, Dirceu, sem a amante,
Que em vão jurara em teus braços
Um amor fino e constante.

Mas no funesto degredo,
Em tão remotos retiros,
Ouvirás os meus lamentos,
Receberás meus suspiros.

Até que um dia cansada
Da tanta dor e amargura,
Irei também esconder-me
No fundo da sepultura.

Então talvez que tu me digas
“Morreu Marília, essa amante,
Que foi sempre a Dirceu grato,
Que lhe foi sempre constante.”

Porém não, não me lamentes,
Que eu mesmo desejo a morte,
Que é mais suave sofrê-la,
Do que sofrer esta sorte.

Assim a rola, que geme,
A piar na triste selva,
Cai ferida pelo tiro,
Tinge de seu sangue a relva.

Bate as empenadas asas,
E os olhinhos revira,
E, por que nunca mais gema,
Com a sua dor expira.

- * Vide a Lira I da primeira parte de *Marília de Dirceu*.
- * Parece ser em resposta a esta a Lira XVI de primeira parte da *Marília de Dirceu*.
- * Parece ser em resposta a esta a Lira XVI da primeira parte de *Marília de Dirceu*.
- * Manteve-se a forma **aonde**, conforme o autor grafou na edição *princeps*.
- * Parece ser em resposta à Lira IV da primeira parte da *Marília de Dirceu*.
- * Manteve-se a forma verbal conforme a edição *princeps*.
- * Manteve-se a forma original.
- * Refere-se à Lira I e outras da primeira parte da *Marília de Dirceu*
- ** Na edição original consta Eloyse e Abeillard

- * A Lira XXVI da segunda parte de *Marília de Dirceu* parece ter sido escrita em resposta a esta.
- * No texto da edição *princeps* consta **ametade**.
- * Refere-se ou parece referir-se à Lira XXV da segunda parte da *Marilia de Dirceu*.
- * Manteve-se a colocação pronominal proposta pelo autor.
- ** Respeitou-se a regência proposta pelo autor.
- * Tem alguma referência a algumas Liras da *Marília de Dirceu*.
- * *Gozemos* no original
- * Não se pode duvidar de que esta Lira seja escrita em resposta à XVII da segunda parte de *Marília de Dirceu*.
- * Depreende-se claramente que foi esta Lira escrita em resposta à Lira 36 da segunda parte de *Marília de Dirceu*.
- ** Mantivemos a colocação do pronome conforme a edição *princeps*, nesses e em outros lugares..
- * Parece referir-se à Lira 35, da segunda parte da *Marília de Dirceu*.
- * No original: *hide*.
- * Esta Lira é uma contínua reprodução dos melhores trechos das Liras, IV, V, XIX, XX, XXIII da primeira oarte e XI, XIV e XXIV da segunda parte da *Marília de Dirceu*.
- * A forma verbal do refrão na edição *princeps* está *divagar*.
- * Forma provavelmente reconstruída pelo poeta para garantir a métrica do verso.